

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

GABRIELE BARBOSA DE ARAÚJO

ENTRE O ROMANCE E A POESIA POPULAR: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS E SUA ADAPTAÇÃO EM CORDEL

CAMPINA GRANDE – PB

2025

GABRIELE BARBOSA DE ARAÚJO

ENTRE O ROMANCE E A POESIA POPULAR: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS E SUA ADAPTAÇÃO EM CORDEL POR JOSUÉ LIMEIRA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Campina Grande, como pré-requisito do componente curricular Monografia em Literatura, do curso de Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Sistema de Bibliotecas - SISTEMOTECA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFCG - Biblioteca Central

A663r Araújo, Gabriele Barbosa de.
Entre o romance e a poesia popular : uma análise comparativa de Vidas Secas de Graciliano Ramos e sua adaptação em cordel / Gabriele Barbosa de Araújo.– 2026.
37 f. : il.

Monografia (licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2025.
"Orientação: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves".
Referências.

1. Vidas Secas. 2. Literatura de Cordel. 3. Adaptação Literária. 4. Oliveira, Graciliano Ramos de, 1892-1953. 5. Ensino de Literatura. I. Alves, José Hélder Pinheiro. II. Título.

UFCG/BC CDU 821.134.3(81).09(04)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA MEIRE EMANUELA DA SILVA MELO CRB-15/568

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
COORDENACAO DE GRADUACAO EM LETRAS
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900
Telefone: (83) 2101-1200
Site: http://ch.ufcg.edu.br - E-mail: assadm@ch.ufcg.edu.br

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

Aos 29 do mês de setembro de 2025, a partir das 19h, no Auditório da UAL, foi realizada a sessão de Defesa de Monografia de Graduação, intitulada **ENTRE O ROMANCE E A POESIA POPULAR: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS E SUA ADAPTAÇÃO EM CORDEL,** da aluna, **GABRIELE BARBOSA DE ARAÚJO**, Matrícula 20250037946, sob presidência do(a) Professor Dr. José Hélder Pinheiro Alves (orientador), que com o(a) Professor Ms. José Mário da Silva Branco, compuseram a Banca Examinadora. Após a exposição oral do(a) graduando(a), os professores avaliadores realizaram a sua arguição. Em seguida, a Banca reuniu-se para finalizar a avaliação e considerou o trabalho

(**X**) Aprovado com sugestões de ajustes.

Banca Examinadora

Prof. Dr. JOSÉ HÉLDER PINHEIRO ALVES- Orientador (UAL/UFCG)

Profa. JOSÉ MÁRIO DA SILVA BRANCO – Examinador (UAL-UFCG)

Documento assinado eletronicamente por **JOSE HELDER PINHEIRO ALVES**, **COORDENADOR(A)**, em 03/10/2025, às 04:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade, informando o código verificador **5897921** e o código CRC **A3730A88**.

Dedico este trabalho a minha avó Maria do Socorro Barros Barbosa (in memoriam) que como professora e exemplo de vida me ensinou o valor do conhecimento e do amor a educação. Sua memória permanece viva a cada conquista minha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus por ser minha fonte de força e inspiração, iluminando meu caminho, sustentando-me nos momentos difíceis, de desânimo e fraqueza, mas também pela coragem necessária para enfrentá-los.

A Nossa Senhora, minha incomparável Mãe Maria, pela proteção e cuidado em todos os minutos do meu dia e em todas as minhas decisões.

A minha família pelo acolhimento e amor desde a mais tenra idade.

A Irennice Barbosa, minha mãe, por me impulsionar a crescer intelectualmente, pela força que só ela tem e pelo encorajamento que me deu a sempre buscar o melhor, a ela toda minha admiração.

Ao meu pai Joacir Farias, que sempre se fez presente e fez o possível para que eu realizasse minhas expectativas.

A Iris Barbosa, minha tia, pelo carinho e leveza me ensinam todos os dias a encarar, da melhor maneira possível, as dificuldades que surgem e me mostrou desde pequena que estudar é prioridade ante ao que se pretende realizar.

A Mariana Barbosa, minha irmã, pelos milhares de incentivos e admiração que me deu durante todos os anos da minha vida, e por todas as falas e atitudes que me mostram a marca do amor nas pequenas coisas.

Ao meu irmão, Mateus Barbosa, que nunca me deixou desistir e sempre acreditou no meu esforço e no meu potencial, me apoiando a cada passo.

A Maria do Socorro Barros Barbosa (in memoriam), minha avó, por ter me mostrado a verdadeira face do amor e da força, e me ensinado o valor da educação através da paixão pelo ato de ensinar.

A meus padrinhos e tios pelo amor que me dedicam sempre, pela presença, pelo apoio e incentivo.

Ao meu namorado, Mateus Farias, por ser a pessoa que me apoia e incentiva sempre, impulsionando-me em cada etapa do meu caminhar, presença constante e alicerce em dias difíceis vividos.

A meu orientador, José Hélder Pinheiro Alves, quem eu tanto admiro e estimo, pelo seu carinho, paciência e compreensão, por ter me mostrado o valor da literatura. Sem o auxílio e os conhecimentos dele, este trabalho não teria sido possível. Obrigada!

As minhas amigas Allane Luna e Mayla Kethelly, pelas várias conversas que vão desde as aspirações da carreira acadêmica até assuntos mais triviais que sempre aquecem o coração e por, há tantos anos, fazerem parte da minha vida de maneira tão singular e especial, amigas que somam na minha vida e me sinto feliz por tê-las por perto.

A minhas colegas de trabalho Anafaby e Gerlane Nascimento, que dividiram comigo as tardes na escola e sempre me deram apoio nas questões pertinentes a sala de aula, minha admiração.

Aos colegas Gisely, Alisson, Gicelly, Isabelly, Ellen, Katarine, Larissa, por serem as pessoas responsáveis por proporcionarem, nos anos de graduação, momentos mais leves. Apesar das disciplinas não cursadas em conjunto, sempre lembrarei de vocês.

As colegas Bianca e Tercia, pelo apoio, amizade e trocas de materiais de estudo, pela partilha de conhecimentos através dos trabalhos realizados e diálogos construídos. Obrigada!

Aos servidores da Escola Irmão Damião, que contribuiu significativamente para a minha formação pessoal, e profissional. Obrigada pelo acolhimento e confiança no meu trabalho, o que me impulsiona a melhorá-lo a cada dia.

Aos estudantes dos 8ºs e 9ºs anos do Ensino Fundamental II da Escola Irmão Damião, dos quais o apreço me faz desejar ser uma boa professora para eles e todos os outros alunos que virão.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise comparativa entre o romance *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, e sua adaptação em literatura de cordel "Vidas Secas em cordel" de Josué Limeira publicada em 2024. O estudo discute o conceito de adaptação literária, destacando como narrativas populares podem ser reinterpretadas em diferentes contextos culturais. A pesquisa aborda as especificidades da literatura de cordel no Nordeste brasileiro, enfatizando sua forte conexão com a oralidade e a participação das classes populares na produção literária. A pesquisa parte da perspectiva de que ambas as produções, embora distintas em forma e estilo, dialogam entre si no tratamento de temas sociais, culturais e estéticos relacionados à vida no sertão nordestino. E busca compreender de que maneira a prosa seca e fragmentária de Graciliano Ramos se transforma em versos rimados e musicalizados no cordel, preservando a denúncia social e ampliando seu alcance junto ao público popular. Além da análise literária, o trabalho apresenta um projeto pedagógico voltado para turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, com atividades que incentivam a leitura crítica, a produção criativa e a valorização da cultura nordestina. O projeto tem como eixo central a figura da cachorra Baleia, símbolo de lealdade e empatia, para promover debates sobre a relação entre homens e animais e estimular reflexões éticas no ambiente escolar. Conclui-se que a abordagem integrada entre romance e cordel potencializa a formação leitora, contribui para a valorização da cultura popular e fortalece a compreensão crítica das desigualdades sociais no Brasil.

Palavras-chave: Vidas Secas; literatura de cordel; adaptação literária.

ABSTRACT

This work aims to conduct a comparative analysis between the novel *Vidas Secas* (1938), by Graciliano Ramos, and its adaptation in Cordel literature, *Vidas Secas em cordel* by Josué Limeira, published in 2024. The study discusses the concept of literary adaptation, highlighting how popular narratives can be reinterpreted in different cultural contexts. The research addresses the specificities of cordel literature in the Brazilian Northeast, emphasizing its strong connection with orality and the participation of the popular classes in literary production. The research starts from the perspective that both productions, although distinct in form and style, dialogue with each other in the treatment of social, cultural, and aesthetic themes related to life in the Northeastern hinterland. It seeks to understand how Graciliano Ramos's dry and fragmented prose is transformed into rhymed and musical verses in cordel, preserving the social denunciation and expanding its reach among the popular public. Beyond literary analysis, this work presents a pedagogical project aimed at 9th-grade classes in elementary school, with activities that encourage critical reading, creative production, and the appreciation of Northeastern Brazilian culture. The project's central theme is the figure of the dog Baleia, a symbol of loyalty and empathy, to promote discussions about the relationship between humans and animals and to stimulate ethical reflections in the school environment. It concludes that the integrated approach between novel and cordel literature enhances reading development, contributes to the appreciation of popular culture, and strengthens the critical understanding of social inequalities in Brazil.

Keywords: Vidas Secas; cordel literature; literary adaptation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Aspectos marcantes da aproximação entre o romance Vidas Secas e o cordel de Josué Limeira.....13
Quadro 2 – O sofrimento da caminhada, na concisão de Graciliano Ramos e musicalidade de Limeira 14
Quadro 3 – Diferenças no tratamento estilístico na obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos e o cordel de Josué Limeira.....15
Quadro 4 – Construção dos personagens na obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos e no cordel de Josué Limeira.....17
Quadro 5 – A percepção humanizada do personagem Baleia na obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos e no cordel de Josué Limeira 17
Quadro 6 – A dimensão simbólica e humana da morte da cadela Baleia nas duas obras. 18
Quadro 7 – A aridez da prosa em Vidas Secas de Graciliano Ramos contrasta com a cadência rimada presente no cordel de Josué Limeira. 18

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **1**

CAPÍTULO 1 – A LITERATURA E SUAS ADAPTAÇÕES **3**

1.1 A adaptação e a intertextualidade 3

1.2 O cordel e a literatura brasileira 5

1.3 A função social da literatura 7

CAPÍTULO 2 – VIDAS SECAS: ROMANCE E O CORDEL **9**

2.1 Contexto histórico e social de Graciliano Ramos e análise do romance 9

2.2 Josué Limeira e o cordel contemporâneo 10

2.3 Estrutura e linguagem das obras 11

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O ROMANCE E O CORDEL **13**

3.1 Temas comuns: seca, fome e opressão 13

3.2 O olhar sobre o personagem: Baleia 16

3.3 Linguagem: do realismo seco à poesia rimada 18

3.3.1 O estilo de Graciliano Ramos 19

3.3.2 A musicalidade do cordel de Josué Limeira 19

3.3.3 Projeto Pedagógico a partir da leitura de Vidas Secas em cordel 20

CAPÍTULO 4: A ADAPTAÇÃO DE *VIDAS SECAS* PARA O CORDEL: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA **23**

4.1 O cordel como ponte entre tradição e literatura canônica 24

4.2 A dimensão social e ética da adaptação 24

4.3 O cordel na sala de aula: práticas e possibilidades 25

4.4 Educação, empatia e transformação social 25

CONSIDERAÇÕES FINAIS **26**

REFERÊNCIAS **27**

INTRODUÇÃO

O romance *Vidas Secas* (Graciliano Ramos, 1938) é uma obra central do romance brasileiro do início do século XX, conhecida por seu retrato contundente da fome, da seca e das relações sociais no sertão nordestino. Embora enraizada num contexto regional, a força da narrativa ultrapassa fronteiras: trata-se de um exame sobre desumanização, resistência e dignidade humana que continua a ressoar em diferentes tempos e espaços. Como observa Antonio Candido, a literatura não se limita ao registro local quando passa a interpretar as tensões sociais do país; ela transforma experiências particulares em instrumentos de reflexão coletiva (Candido, 1972).

A secura estilística de Graciliano — marcada por frases concisas e economia vocabular — funciona como estratégia estética e ética: a forma traduz a aridez do mundo representado e reforça a denúncia social presente na ficção (Bosi, 1994). Por meio de capítulos curtos e fragmentados, o romance constrói uma narrativa em episódios que expõem a repetição do sofrimento e a precariedade do existir, aproximando o leitor de uma experiência viva e incômoda. (Bosi, 1994).

A adaptação de *Vidas Secas* para o cordel (Limeira, 2013) opera como uma reconfiguração estética que mantém os temas centrais — seca, fome, exploração — e os torna circulantes em um outro registro: a sextilha rimada, a oralidade e a performatividade. Nesse processo, a obra erudita ganha ritmo, acessibilidade e possibilidade de fruição coletiva, sem perder seu núcleo crítico. Estudos sobre adaptação mostram que recontar é também recriar: a transposição para outro código gera novos sentidos e públicos (Hutcheon, 1991; Stam, 2008). A leitura do cordel insere *Vidas Secas* numa tradição de comunicação popular, reforçando sua potência como memória e como instrumento de crítica social (Abreu, 1999; Cascudo, 1984).

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise comparativa entre o romance *Vidas Secas* e sua versão em cordel, identificando convergências e diferenças no tratamento temático, nos recursos de linguagem e nas possibilidades pedagógicas. A pesquisa também apresenta uma proposta didática para turmas do 9.º ano do Ensino Fundamental que articula leitura, produção e dramatização, tendo a figura de Baleia (a cadela) como eixo para promover empatia, ética e reflexão sobre as relações humanas e animais. A fundamentação teórica apoia-se em estudiosos da literatura e da adaptação (Candido, 1972; Bosi, 1994; Abreu, 1999; Hutcheon, 1991; Stam, 2008), bem como em pressupostos pedagógicos que valorizam a mediação crítica e a formação cidadã (Freire, 1996).

A organização do trabalho segue quatro capítulos: (1) conceitos sobre adaptação e intertextualidade; (2) análise do romance de Graciliano e do cordel de Limeira; (3) análise comparativa temática e linguística; (4) proposta pedagógica para o ensino de *Vidas Secas* em cordel. Nas considerações finais, sintetizam-se contribuições e reflexões para práticas leitoras que aproximem literatura erudita e cultura popular.

CAPÍTULO 1 – A LITERATURA E SUAS ADAPTAÇÕES

Neste capítulo, discutiremos o conceito de adaptação literária, a partir das obras de Linda Hutcheon e outros teóricos que abordam a intertextualidade e o diálogo entre textos. Analisaremos como a literatura de cordel no Nordeste brasileiro serve como um exemplo significativo dessa prática, permitindo que vozes de classes populares se expressem através da reinterpretação de narrativas eruditas. Também discutiremos as especificidades da produção de folhetos de cordel, enfatizando a relação entre a oralidade e a estrutura poética, e como essa relação contribui para a popularidade e a acessibilidade das histórias adaptadas.

1.1 A adaptação e a intertextualidade

Desde o fim do século XIX, os folhetos literários do Nordeste do Brasil têm exercido um papel essencial ao possibilitar que pessoas das camadas populares atuem como escritores, leitores, editores e avaliadores de produções poéticas. Em contraste com a literatura erudita, geralmente vinculada às elites intelectuais e econômicas, o cordel envolve sujeitos com pouca ou nenhuma instrução formal no universo das letras, estimulando uma intensa relação com a narrativa por meio da criação, comercialização e fruição dos folhetos (Abreu, 1997).

A popularidade dessas publicações é, em grande parte, explicada por sua íntima ligação com a oralidade. Conforme ressalta Manoel de Almeida Filho, o público nordestino aprecia “ler em verso” e costuma entoar as histórias, prática que reforça a proximidade entre a poesia e a tradição cultural da região (Almeida, 1979, p. 202). Entretanto, atualmente, o costume de cantar os folhetos praticamente se extinguiu. A forma versificada, contudo, continua favorecendo a leitura em voz alta e a interação coletiva, o que garante maior aceitação se comparada à prosa jornalística.

Além do aspecto poético, os folhetos se distinguem por transformar narrativas eruditas em histórias adaptadas a temas e estruturas que dialogam com o público do cordel. É frequente a reelaboração de obras clássicas, como *A Escrava Isaura* e *Romeu e Julieta*, ajustadas para refletir elementos típicos do romance de cordel, como o amor e o conflito (Ferretti, 2004). Uma das mudanças mais relevantes é a conversão da prosa em versos, o que adequa o enredo tanto ao formato poético quanto às expectativas dos leitores (Abreu, 1997).

A seleção das obras a serem adaptadas obedece aos critérios definidos, privilegiando aquelas que se harmonizam com os temas recorrentes do gênero. Poetas, em geral, optam por histórias que envolvem paixões contrariadas ou lutas heroicas, modificando os textos de modo a respeitar as "normas" da composição em folheto. Esse processo evidencia uma adaptação que, ao mesmo tempo em que mantém a essência da narrativa original, a ressignifica conforme os valores e as preferências culturais da região (Abreu, 1997). Como afirma a teórica Linda Hutcheon:

> A adaptação é (e sempre foi) central para a imaginação humana em todas as culturas. Nós não apenas contamos, como também recontamos nossas histórias. E recontar quase sempre significa adaptar – "ajustar" as histórias para que agradem ao seu novo público (Hutcheon, 2011, p. 10).

Julia Kristeva (2005 [1969], p. 68), ao desenvolver o conceito de intertextualidade, afirmou que "todo texto é absorção e transformação de outro texto". Isso significa que nenhum texto é isolado: ele dialoga com uma rede de significados, tradições e referências. No seio dessa perspectiva – aliás, inspirada no dialogismo de Bakhtin – repousa a noção de convergência discursivo-textual, isto é, as relações que um texto estabelece com textos outros, coletados em experiências linguísticas anteriores. Pode-se dizer, então, que a adaptação é um fenômeno possível graças à abertura que a obra literária, naturalmente, dá às relações com outros textos, como também a outros matizes de expressão. Literatura e adaptação operam modos distintos de funcionamento Robert Stam (2008) amplia essa noção ao destacar que, ao adaptar uma obra, não se deve buscar uma "fidelidade" absoluta, mas sim compreender que o novo texto cria sentidos próprios, em diálogo com o original:

> A intertextualidade de Kristeva, com raízes no "dialogismo" de Bakhtin, enfatizou a interminável permutação de traços textuais, e não a "fidelidade" de um texto posterior em relação a um anterior, o que facilitou uma abordagem menos discriminatória (Stam, 2008, p. 20).

No caso específico deste trabalho, o romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e o cordel *Vidas Secas em Cordel*, de Josué Limeira, exemplificam de maneira exemplar o processo de intertextualidade. O cordel retoma os personagens, os episódios e a temática central do romance, mas os reinterpreta em versos rimados, dentro da estética popular. A narrativa é preservada, mas ganha cadência e ritmo próprios da tradição oral nordestina. Esse movimento confirma a afirmação de Hutcheon (2011, p. 10): "Recontar histórias é uma prática central da

imaginação humana. Adaptar significa ajustar narrativas a novos contextos e públicos, mantendo sua essência, mas transformando sua forma."

Portanto, o cordel de Josué Limeira não deve ser entendido como uma mera simplificação ou redução do romance de Graciliano, mas como uma nova forma de existência da obra, que preserva sua força narrativa e crítica social, ao mesmo tempo em que dialoga com tradições culturais e linguísticas próprias do Nordeste brasileiro. Ao transportar a narrativa para o formato de cordel, Limeira permite que a história alcance leitores que talvez não se aproximassem do romance original, garantindo que a reflexão sobre a seca, a pobreza e a resistência continuem viva em diferentes contextos e gerações.

Além disso, a transposição de um romance moderno para o cordel também evidencia a capacidade do texto literário de se reinventar, como observa Bakhtin (1981), ao tratar do dialogismo e da multiplicidade de vozes presentes em toda obra literária.

No cordel, a voz do autor convive com a voz dos personagens e com a memória coletiva, criando um espaço de leitura dinâmico, no qual o público participa da reconstrução da narrativa. Essa experiência dialogal reforça o papel da literatura como instrumento de consciência social e cultural, aproximando temas complexos da realidade nordestina de leitores de diferentes faixas etárias e níveis de letramento.

Por fim, é importante destacar que a prática de adaptar obras literárias para novas linguagens ou gêneros, como o cordel, vai além da preservação da memória literária: ela contribui para a perpetuação da mensagem social e ética do texto original, ampliando sua relevância e tornando-a contemporânea. Dessa forma, o cordel *Vidas Secas em Cordel* não apenas homenageia o romance de Graciliano Ramos, mas também fortalece o diálogo entre literatura erudita e popular, entre tradição escrita e oral, consolidando a literatura brasileira como um campo de trocas culturais e de resistência simbólica.

1.2 O cordel e a literatura brasileira

Literatura de cordel é uma das manifestações mais autênticas da cultura nordestina. De acordo com Câmara Cascudo (1984), o cordel cumpre a função de "jornais poéticos", transmitindo notícias, narrando histórias de amor, tragédias, feitos heroicos e acontecimentos cotidianos. Tradicionalmente impressos em folhetos baratos e vendidos em feiras, os cordéis sempre tiveram caráter popular, alcançando leitores muitas vezes afastados dos livros considerados eruditos.

Márcia Abreu (1999), em sua *História social da literatura de cordel*, explica que os folhetos de cordel não apenas narram histórias, mas também constroem identidades culturais. Por meio deles, o povo nordestino se reconhece, vê suas dificuldades representadas e reafirma valores comunitários. A oralidade é elemento central: muitos cordéis eram lidos em voz alta, cantados ou declamados, reforçando o aspecto coletivo da recepção.

A presença de adaptações no cordel não é novidade. Desde o século XIX, cordelistas adaptaram romances europeus, histórias bíblicas e narrativas eruditas brasileiras. Leandro Gomes de Barros, pioneiro do gênero, produziu folhetos que recriavam contos tradicionais, ajustando-os à realidade sertaneja. Esse processo revela a flexibilidade do cordel, capaz de absorver e transformar diferentes tradições narrativas.

Quando Josué Limeira adapta *Vidas Secas* para o cordel, ele se insere nessa tradição. Seu folheto não busca apagar a força literária de Graciliano Ramos, mas reafirmá-la em outro registro. A linguagem rimada, a musicalidade e a simplicidade do cordel não diminuem a gravidade da temática: pelo contrário, tornam-na mais próxima do leitor popular, que talvez não tivesse acesso ao romance em prosa.

Nesse sentido, a adaptação em cordel de *Vidas Secas* cumpre também uma função pedagógica e social, aproximando a literatura clássica da população em geral. Essa ideia se alinha ao que Antonio Candido (1995) chamou de “direito à literatura”, ou seja, a necessidade de que todas as camadas sociais tenham acesso às manifestações literárias, seja em sua forma erudita, seja em sua versão popular.

Essa perspectiva dialoga diretamente com a reflexão de Antonio Candido (1995) sobre o “direito à literatura”, conceito que defende a necessidade de que todas as camadas sociais possam usufruir das manifestações literárias, seja na forma erudita, seja em sua versão popular. Para Candido, a literatura não deve ser privilégio de grupos restritos; pelo contrário, ela precisa ser democratizada, permitindo que diferentes públicos se apropriem de valores, narrativas e questionamentos presentes nas obras. Nesse contexto, o cordel funciona como um instrumento de inclusão cultural, pois traduz a linguagem da literatura erudita para formas mais próximas do imaginário e da oralidade do povo, respeitando sua tradição e seus códigos de comunicação.

Além disso, a adaptação em cordel de obras clássicas contribui para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos leitores, estimulando a interpretação de personagens, enredos e conflitos sociais. Como observa Bakhtin (1981, p. 158-9), “Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego... está impregnada de relações dialógicas”, assim a literatura é um espaço dialógico em que múltiplas vozes interagem, e o cordel amplia esse diálogo ao colocar a voz

do autor lado a lado com a voz coletiva do povo. Nesse sentido, o cordel não apenas preserva a essência do romance, mas também cria possibilidades de leitura e compreensão, promovendo a conscientização social e cultural de quem o lê.

Por fim, pode-se afirmar que adaptações como *Vidas Secas em Cordel* cumprem um papel transformador e pedagógico, pois conectam o erudito ao popular, a tradição escrita à oral, e reforçam a importância de uma literatura viva, capaz de dialogar com diferentes contextos e públicos. Elas representam uma forma concreta de democratização da cultura literária, permitindo que o legado de autores clássicos, como Graciliano Ramos, continue relevante e acessível, fortalecendo o vínculo entre literatura, educação e cidadania.

1.3 A função social da literatura

A literatura não é apenas uma manifestação estética: ela é também, como ressalta Antônio Candido, uma necessidade humana. Em sua obra *Literatura e Sociedade*, Candido (1972, p. 80) afirma que: A literatura é fator indispensável de humanização. Humaniza porque faz viver. Nesse sentido, a obra literária ultrapassa a dimensão do prazer estético e atua como força formadora, ajudando o indivíduo a compreender a si mesmo e a sociedade.

No caso de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, a função social é evidente. Ao retratar Fabiano como um homem reduzido à condição de "bicho", o autor denuncia a desumanização provocada não apenas pela seca, mas pelas relações de exploração e pela exclusão social. Essa visão encontra eco em Alfredo Bosi (1994, p. 172), que observa: "O romance de 1930 traduziu a tomada de consciência de uma realidade marcada pela opressão e pela miséria. Em Graciliano Ramos, a secura do estilo espelha a dureza da vida sertaneja."

Assim, o romance cumpre a função social de expor as contradições estruturais da sociedade brasileira, reafirmando a literatura como espaço de resistência e denúncia. No cordel de Josué Limeira, essa função se mantém, mas em outro registro. A narrativa em sextilhas rimadas e linguagem acessível insere a saga de Fabiano no universo popular, permitindo que a denúncia social alcance um público mais amplo. A musicalidade e a oralidade reforçam a dimensão coletiva da experiência, tornando a literatura instrumento de partilha comunitária. Esse aspecto está diretamente ligado ao papel histórico da literatura de cordel.

Como explica Luís da Câmara Cascudo (1984, p. 219): O cordel é o jornal do sertanejo, crônica rimada de sua vida, de sua esperança e de sua miséria. Ou seja, o cordel sempre cumpriu função de registro social e cultural, aproximando-se da vida cotidiana e preservando a memória

popular. Dessa forma, tanto no romance de Graciliano Ramos quanto no cordel de Josué Limeira, a literatura cumpre a função social de denunciar a exclusão, dar voz aos silenciados e afirmar a dignidade humana. Candido (1995, p. 175) reforça essa ideia ao declarar que: A literatura é um direito de todos, pois corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita. Assim, a análise demonstra que as duas versões de *Vidas Secas* — a prosa árida do romance e a cadência rimada do cordel — convergem naquilo que é essencial: sua força humanizadora e sua função de resistência cultural.

CAPÍTULO 2 – VIDAS SECAS: ROMANCE E O CORDEL

Neste capítulo, procederemos à análise do romance “Vidas Secas” e “Vidas Secas em cordel”, destacando as semelhanças e diferenças entre as duas narrativas. Através da comparação entre a estrutura e o modo dos personagens de ambas as histórias, buscaremos compreender como a adaptação para o formato de cordel não apenas preserva a essência do romance original, mas também o reinterpreta de maneira a dialogar com as tradições e valores da cultura nordestina. Ao longo da análise, refletiremos sobre o papel das adaptações literárias na construção de significados e na formação da identidade cultural.

2.1 Contexto histórico e social de Graciliano Ramos e análise do romance

O romance *Vidas Secas* foi publicado em 1938 pela Livraria José Olympio Editora, consolidando Graciliano Ramos como um dos maiores escritores brasileiros. Inserida no regionalismo de 1930, a obra transcende o simples retrato do sertão: ela é, sobretudo, uma denúncia social, um olhar crítico e seco sobre a miséria humana em uma região assolada pela seca.

Graciliano Ramos nasceu em Quebrangulo, Alagoas, em 1892. Sua vivência no Nordeste, marcada pela experiência com a seca e pela observação da desigualdade social, forneceu-lhe o material humano e temático que se tornaria base de sua obra literária. Político, prefeito de Palmeira dos Índios e preso durante o governo Vargas, Graciliano desenvolveu uma escrita concisa, sem ornamentos, que buscava retratar a realidade de forma crua e objetiva. Como observa Bosi (1994, p. 172): “A secura do estilo de Graciliano não é mero recurso formal: é reflexo da aridez da vida que ele retrata, em que a linguagem traduz a miséria.”

No caso de *Vidas Secas*, a estrutura fragmentada em capítulos independentes – como “Mudança”, “Fabiano”, “Cadeia”, “Sinhá Vitória”, “O Menino mais novo” e “Baleia” – permite ao leitor perceber a descontinuidade da vida sertaneja, marcada pela repetição do sofrimento e pela circularidade da seca. Para Antonio Candido (1972, p. 89), essa fragmentação rompe com o padrão tradicional do romance, pois: “Cada episódio é como uma célula autônoma, que revela um aspecto da vida sertaneja em sua luta contra a miséria e a opressão.”

Os personagens são tipos sociais, mas também profundamente humanos. Fabiano, o vaqueiro, é retratado como um homem que se sente mais próximo de um animal do que de um

ser humano, vítima da opressão e da falta de acesso à educação. Em vários momentos, ele se reconhece como “um bicho”, incapaz de compreender os códigos sociais que o cercam.

Sinhá Vitória, sua esposa, é apresentada como uma mulher prática, que sonha com um futuro melhor para a família – simbolizado pelo desejo de possuir uma cama de couro. Os filhos, sem nomes, representam a infância privada de futuro, reduzida à sobrevivência. Baleia, a cachorra, é talvez a personagem mais comovente da narrativa, humanizada por Graciliano em seu sofrimento e sua lealdade à família. A seca, elemento central da narrativa, não aparece apenas como fenômeno climático, mas como estrutura social. Candido (1972, p. 94) ressalta que: “A seca, em Graciliano, não é acidente natural; é destino social, resultado de um sistema que mantém o sertanejo em condição de miséria.”

A linguagem do romance é marcada pela economia de palavras, frases curtas e estilo enxuto. Essa secura estilística dialoga com a secura da paisagem e da vida dos personagens, criando uma unidade entre forma e conteúdo. Bosi (1994, p. 170) sintetiza: “Em Graciliano Ramos, a linguagem é dura como a terra seca: cada palavra é pedra, e com essas pedras o autor constrói o drama sertanejo.”

Desse modo, *Vidas Secas* pode ser compreendido como uma obra que particulariza a realidade nordestina e, simultaneamente, universaliza o sofrimento humano. A luta pela sobrevivência, a manutenção da dignidade diante da miséria e o desejo de um futuro melhor são temas que ultrapassam o contexto geográfico do sertão e ressoam como questões universais, aproximando o leitor de reflexões sobre a condição humana. Portanto, a obra não se limita a um retrato regional, mas se projeta como uma reflexão literária e social sobre a desigualdade, a opressão e a capacidade de sobrevivência e esperança, criando uma ponte entre o particular e o universal, entre o sertanejo e o leitor de qualquer lugar ou tempo.

2.2 Josué Limeira e o cordel contemporâneo

Josué Limeira é um dos nomes mais reconhecidos da nova geração de cordelistas. Paraibano, professor universitário e escritor, ele se dedica à valorização da literatura de cordel, não apenas como forma artística tradicional, mas como ferramenta pedagógica e cultural. Ao adaptar *Vidas Secas* para o cordel, Limeira reafirma a vitalidade desse gênero no século XXI e demonstra como a tradição popular pode dialogar com a literatura canônica.

O cordel *Vidas Secas em Cordel* retoma os principais episódios do romance de Graciliano Ramos, mas os apresenta em sextilhas rimadas, com métrica regular e cadência própria da oralidade. O folheto é acessível, tanto do ponto de vista econômico quanto

linguístico, permitindo que leitores de diferentes formações tenham contato com a narrativa. Como lembra Cascudo (1984, p. 219): “O cordel é o jornal do sertanejo, crônica rimada de sua vida, de sua esperança e de sua miséria.”

Esse caráter de crônica popular é o que faz com que a adaptação de Limeira preserve o sentido social da obra original, mas a ressignifique dentro da estética popular. A opção de Josué Limeira revela um projeto cultural e político: aproximar o público popular de uma das obras mais importantes da literatura brasileira. Márcia Abreu (1999, p. 43) enfatiza a função social dessa prática ao afirmar que: “O cordel não apenas narra histórias: ele constitui identidades e cria memória coletiva, atuando como ponte entre tradição e presente.”

Nesse sentido, o trabalho de Limeira não apenas adapta, mas também preserva e atualiza a memória literária nordestina. Além disso, o cordel de Josué Limeira mantém a força crítica de *Vidas Secas*, denunciando a fome, a seca e a opressão. A diferença está no tom: enquanto Graciliano escreve com estilo árido e introspectivo, Limeira utiliza versos rimados que, embora mais leves na forma, não diminuem a gravidade do conteúdo. Sobre isso, Galvão (2010, p. 57) observa: “A cadência do cordel não suaviza a denúncia: ao contrário, permite que ela seja ecoada em roda, declamada em praça, compartilhada em comunidade.”

Essa dualidade entre forma e conteúdo transforma o cordel em um espaço de resistência cultural e social, onde a poesia popular cumpre a função de ecoar as vozes historicamente silenciadas, conectar gerações e afirmar identidades. A narrativa em cordel possibilita que a literatura crítica e engajada chegue de maneira direta e viva às comunidades, consolidando o cordel não apenas como gênero literário, mas como instrumento de democratização cultural e social, capaz de mobilizar, educar e sensibilizar seus leitores.

2.3 Estrutura e linguagem das obras

A comparação entre a estrutura e a linguagem de *Vidas Secas* e de sua versão em cordel revela tanto convergências quanto divergências. No romance, Graciliano Ramos organiza a narrativa em capítulos independentes, que podem ser lidos quase como contos autônomos. Essa fragmentação expressa a descontinuidade da vida sertaneja, marcada pela repetição de ciclos de seca e miséria. Como observa Antonio Candido (1972, p. 93): “Em Graciliano, a fragmentação não é acaso, mas forma. Cada episódio é um painel da desgraça sertaneja, e juntos compõem o mosaico da vida sem horizontes.”

A linguagem é concisa, econômica, marcada por frases curtas e ausência de floreios. Essa secura estilística dialoga com a secura da paisagem e da vida dos personagens, criando uma unidade entre forma e conteúdo. Alfredo Bosi (1994, p. 170) reforça essa ideia ao afirmar que: “A prosa de Graciliano Ramos é pedra talhada: dura, cortante, sem ornamento. É a tradução estética da realidade árida do sertão.”

No cordel de Josué Limeira, a narrativa segue a métrica da sextilha, com rimas que conferem musicalidade ao texto. A linearidade é mais evidente: os episódios seguem em sequência, de modo a facilitar a leitura em voz alta e a memorização. Para Márcia Abreu (1999, p. 58), esse recurso é típico do gênero: “A regularidade métrica e rítmica do cordel garante sua função social: a de ser ouvido, memorizado e transmitido coletivamente.”

A oralidade é o elemento central: os versos são construídos para serem declamados, cantados ou compartilhados em comunidade. Luís da Câmara Cascudo (1984, p. 221) destaca que: “O cordel vive da voz e para a voz. Sua força não está apenas no que diz, mas em como é dito, em praça, em feira, em roda de ouvintes.”

Se, por um lado, o romance busca transmitir a dureza da vida sertaneja pela secura da linguagem, o cordel busca torná-la mais próxima e compartilhável, reforçando a coletividade da experiência. Em ambos os casos, a forma dialoga com o conteúdo: no romance, a secura estilística espelha a aridez do sertão; no cordel, a musicalidade espelha a resistência cultural do povo nordestino.

Portanto, a comparação entre os dois gêneros evidencia que, embora a forma e os recursos estilísticos sejam distintos, a função comunicativa de ambas as obras permanece central: narrar a luta do sertanejo, expressar a dureza do ambiente social e natural e criar empatia no leitor ou ouvinte. O romance atua pela densidade e introspecção, enquanto o cordel promove o diálogo coletivo, a memória cultural e a perpetuação da crítica social, mostrando que a literatura pode se adaptar a diferentes formatos sem perder sua essência e relevância.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O ROMANCE E O CORDEL

Neste capítulo, propomos uma análise comparativa entre o romance *Vidas Secas*, escrito por Graciliano Ramos (1938), e sua adaptação em cordel, *Vidas Secas em Cordel*, de Josué Limeira (2003). O objetivo é investigar como a mesma narrativa se manifesta em dois gêneros literários distintos, observando suas semelhanças, diferenças e estratégias expressivas. Enquanto o romance apresenta a vida árida do sertanejo por meio de uma linguagem concisa, introspectiva e fragmentada, o cordel busca traduzir essa realidade para a oralidade popular, utilizando sextilhas rimadas, ritmo cadenciado e recursos de memorização que facilitam a transmissão coletiva da história. Esta análise permitirá compreender não apenas as escolhas estilísticas de cada autor, mas também a dimensão social, pedagógica e cultural de suas obras, evidenciando como a literatura pode dialogar com diferentes públicos e tradições sem perder sua essência crítica e humanista.

3.1 Temas comuns: seca, fome e opressão

Um dos aspectos mais marcantes da aproximação entre o romance *Vidas Secas* e o cordel de Josué Limeira é a permanência dos temas centrais: a seca, a fome e a opressão (Quadro 1).

Quadro 1 – Aspectos marcantes da aproximação entre o romance Vidas Secas e o cordel de Josué Limeira

Obra original "Vidas Secas" de Graciliano Ramos	Obra Adaptada para o cordel de Josué Limeira
"Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos." (RAMOS, 2001, p. 7.)	"Na planície avermelhada Daquele sertão distante, Juazeiros alargavam Duas manchas verdejantes. De longe foram avistados, Por trás dos galhos pelados Da caatinga reinante. Os infelizes já tinham Caminhado o dia inteiro. Procuravam uma sombra Para fugir do braseiro. Tinham fome e cansaço. Era um dia de mormaço, Algo já bem corriqueiro." (LIMEIRA, 2024., p. 14).

Em ambos os textos, esses elementos não são apenas pano de fundo narrativo, mas constituem a própria essência da experiência dos personagens e do povo sertanejo.

Pode-se observar que no romance de Graciliano Ramos, a seca aparece desde o início, no capítulo “Mudança” onde a família caminha pelo sertão em busca de sobrevivência, no trecho temos uma linguagem seca, com frases curtas e diretas, transmite a exaustão dos corpos e a aridez da paisagem. Também no cordel de Josué Limeira, o mesmo momento inicial é recontado em versos rimados, com a cadência da sextilha confere musicalidade à cena. O sofrimento da caminhada é mantido, mas narrado de forma mais poética, próxima da oralidade. Enquanto Graciliano transmite a secura pela concisão, Limeira o faz pela repetição rítmica e pela musicalidade (Quadro 2).

Outro tema central é a fome, que atinge tanto os personagens humanos quanto os animais. No romance, a cena em que Fabiano encontra preás é emblemática:

Quadro 2 – O sofrimento da caminhada, na concisão de Graciliano Ramos e musicalidade de Limeira

Obra original “Vidas Secas” de Graciliano Ramos	Obra Adaptada para o cordel de Josué Limeira
Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinha Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo. Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiaria a morte do grupo. E Fabiano queria viver. (RAMOS, 2001, p. 12.)	O coração do vaqueiro Bateu junto ao de Sinhá. A esperança resistia Que nem um pé de juá. Baleia chegou contente E alegrou aquela gente, Pois caçara um preá. Então foi uma gritaria, Uma festança danada. O mais velho acordou Viu a mãe toda animada. Os olhos foi esfregando, Alguns pedaços voando De sonhos com a invernada Sinhá Vitória beijou O focinho de Baleia, Que estava ensanguentado. Tinha sangue até na areia. A caça era pequena, Mas tinha valido a pena, Foi servida como ceia. Adiariam a morte, Todos queriam viver. (LIMEIRA, 2024., p. 19).

Observa-se que no cordel é preservado o dilema da partilha, mas transforma a cena em um quadro mais narrativo, quase didático, reforçando o caráter coletivo da luta pela sobrevivência.

Nos dois trechos de Vidas Secas, Fabiano percebe que é pobre e explorado, mas ainda sonha em ser homem. No original Graciliano descreve que Fabiano mostra seus pensamentos

de forma direta. No cordel vemos que o autor descreve mais sua aparência e sentimentos, mostrando que ele se sente como um “bicho”. Ambos falam da dificuldade do sertanejo, mas usam formas diferentes: uma prosa curta e objetiva, outra mais poética e detalhada.

Dessa forma, tanto o romance quanto o cordel reafirmam os três grandes eixos da experiência sertaneja: a seca, a fome e a opressão. A diferença está no tratamento estilístico: enquanto Graciliano Ramos opta pela concisão árida, pela introspecção e pelo olhar psicológico sobre os personagens, Josué Limeira prefere a cadência oral, a repetição rimada e a musicalidade popular. Em ambos os casos, no entanto, a função é a mesma: denunciar a miséria e afirmar a dignidade humana diante da adversidade (Quadro 3).

Quadro 3 – Diferenças no tratamento estilístico na obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos e o cordel de Josué Limeira

Obra original “Vidas Secas” de Graciliano Ramos	Obra Adaptada para o cordel de Josué Limeira
“Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem. — Um homem, Fabiano. Coçou o queixo cabeludo, parou, reacendeu o cigarro. Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia. Mas depois? Fabiano tinha a certeza de que não se acabaria tão cedo.” (RAMOS, 2001, p. 22.)	Pensou um pouco melhor, Concluiu pensar errado. Ele não, não era um homem, Era um cabra ocupado, Guardava coisas alheias, Corria em suas veias O sangue de um pé-rapado. Tinha os olhos azuis, Rosto vermelho, queimado. Os cabelos eram ruivos, Sentia-se um coitado. Ficava todo encolhido Quando um branco exibido Chegava assim do lado. Olhou com medo ao redor Pra ver se alguém escutara. Tinha sido imprudente Quando alto assim falara. Corrigiu, seu dito insano: -És um bicho, Fabiano. Com o tempo se tornara. (LIMEIRA, 2024., p. 27).

Além disso, a diferença de enfoque entre os dois gêneros revela como a narrativa pode se adaptar a diferentes públicos e funções comunicativas. No romance, Graciliano Ramos privilegia a introspecção e a subjetividade, permitindo que o leitor compreenda os dilemas internos de Fabiano e sua percepção de inferioridade social, criando empatia e reflexão crítica. Já no cordel, Josué Limeira utiliza descrições mais visuais e detalhadas, enfatizando a aparência, os gestos e os sentimentos do personagem, de forma a aproximar a narrativa de

leitores que dependem da oralidade e da imaginação coletiva para compreender o drama do sertanejo. Essa escolha não enfraquece a mensagem social; ao contrário, amplia o alcance da história, tornando-a acessível e memorável.

A abordagem distinta de cada autor também evidencia o papel da linguagem na construção da experiência do sertanejo. Enquanto Graciliano utiliza frases curtas, ritmo seco e economia de palavras para refletir a aridez do ambiente e a dureza da vida, o cordel emprega rimas, repetição e musicalidade, conferindo ritmo e cadência à narrativa.

A oralidade do cordel cria uma dimensão de participação comunitária, em que a história é compartilhada em rodas, feiras ou praças, transformando o sofrimento e a resistência do sertanejo em memória coletiva. Assim, o cordel atua como ponte entre a literatura clássica e a tradição popular, preservando a mensagem crítica e ética do romance.

Outro ponto importante é a forma como ambos os textos humanizam os personagens diante da adversidade. No romance, a introspecção revela a vulnerabilidade, os medos e a dignidade de Fabiano, Sinhá Vitória e seus filhos. No cordel, a mesma humanização é alcançada por meio de detalhes poéticos e sensoriais, como a descrição dos gestos, sentimentos e até da lealdade da cachorra Baleia, tornando a narrativa mais concreta e visual. Essa multiplicidade de vozes e perspectivas reforça que, embora os recursos estilísticos sejam diferentes, o objetivo é o mesmo: sensibilizar o leitor ou ouvinte para a realidade social do sertanejo e para sua luta por sobrevivência e dignidade.

Por fim, a comparação entre romance e cordel evidencia que a literatura é também uma forma de resistência. Graciliano Ramos denuncia a opressão e a miséria com objetividade e introspecção, enquanto Josué Limeira transforma essa denúncia em poesia oral, capaz de ser transmitida, memorizada e compartilhada.

Em ambos os casos, a obra cumpre uma função ética e social, reafirmando valores de dignidade humana, solidariedade e persistência diante da adversidade, mostrando que a literatura pode se reinventar em diferentes formatos sem perder sua força crítica e sua capacidade de gerar empatia.

3.2 O olhar sobre o personagem: Baleia

A análise comparativa entre o romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e o cordel *Vidas Secas em Cordel*, de Josué Limeira, ganha especial relevância quando observamos o modo como cada obra constrói seus personagens (Quadro 4).

Quadro 4 – Construção dos personagens na obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos e no cordel de Josué Limeira

Obra original “Vidas Secas” de Graciliano Ramos	Obra Adaptada para o cordel de Josué Limeira
“A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pelo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.” (RAMOS, 2001, p. 81.)	“Baleia estava doente, Andava muito a sofrer. O pelo estava caindo, Só fazia emagrecer. As costelas apareciam, Manchas escuras surgiam, Ela estava pra morrer.” (LIMEIRA, 2024., p. 102).

Entre todos, um deles que se destaca é Baleia, a cachorra, na obra de Graciliano Ramos, ela é humanizada: pensa, sonha e sente como um ser humano. Em sua morte, a narrativa ganha forte carga emocional (Quadro 5).

Quadro 5 – A percepção humanizada do personagem Baleia na obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos e no cordel de Josué Limeira

Obra original “Vidas Secas” de Graciliano Ramos	Obra Adaptada para o cordel de Josué Limeira
“Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a com o saca-trapo e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito.” (RAMOS, 2001, p. 81.)	“Fabiano decidiu, Foi buscar a espingarda. Limpou sua pederneira, Pois estava empoeirada. Pra Baleia não sofrer, Tinha agora o dever De levá-la carregada.” (LIMEIRA, 2024., p. 102).

Ao compararmos a morte de Baleia nas duas obras, vemos que o autor do cordel se mantém fiel a obra de Graciliano Ramos, utilizando-se de termos semelhantes, mantendo a cena e preservando a dimensão simbólica e humana da cadela, símbolo da lealdade e da esperança o que para Antonio Candido (1972, p. 92), essa inversão revela a força da literatura de Graciliano quando ele diz que “A animalização do homem e a humanização do animal denunciam o absurdo da exclusão social.”

O autor do cordel consegue manter a originalidade trazendo uma musicalidade e ritmo para a história. A morte de baleia é, ao mesmo tempo, trágica e poética: nela se projeta o sonho de fartura que toda a família deseja, mas que nunca alcança (Quadro 6).

Quadro 6 – A dimensão simbólica e humana da morte da cadela Baleia nas duas obras.

Obra original “Vidas Secas” de Graciliano Ramos	Obra Adaptada para o cordel de Josué Limeira
“Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.” (RAMOS, 2001, p. 86.)	“Fechou os olhos pesados E chegou à conclusão: Não poderia morder Quem seguiu de coração. Com ele junto nasceu, Com ele perto viveu, Mesmo em submissão.” (LIMEIRA, 2024., p. 107).

No romance, o impacto da cena vem do contraste entre a aridez da prosa e a ternura do olhar dado à cadela. No cordel, o impacto está na cadência rimada, que transforma a morte de Baleia em lamento poético, próximo da cantoria nordestina (Quadro 7).

Quadro 7 – A aridez da prosa em Vidas Secas de Graciliano Ramos contrasta com a cadência rimada presente no cordel de Josué Limeira.

Obra original “Vidas Secas” de Graciliano Ramos	Obra Adaptada para o cordel de Josué Limeira
“Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.” (RAMOS, 2001, p. 87.)	“Baleia queria dormir Para feliz acordar. Num mundo com Fabiano, Com ele a lhe chamar. Lamberia sua mão, Iria junto ao peão, O rebanho escoltar. Acordaria num mundo Com preás gordos ao lado. Com as crianças brincando E com o sertão florado. Rolariam no chiqueiro... Era o sonho derradeiro, Num dia mal-acabado. (LIMEIRA, 2024., p. 109).

3.3 Linguagem: do realismo seco à poesia rimada

A linguagem é talvez o ponto de maior contraste entre *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Vidas Secas em Cordel*, de Josué Limeira. Se, no romance, a escrita é marcada pela concisão e pelo que a crítica chama de “realismo seco”, no cordel predomina a cadência poética, a musicalidade das rimas e a tradição da oralidade.

3.3.1 O estilo de Graciliano Ramos

A prosa de Graciliano é conhecida por sua secura e objetividade. Frases curtas, vocabulário enxuto e ausência de adornos formam uma escrita que traduz, na forma, a aridez do sertão. Logo no início do romance, isso é perceptível, quando ele fala sobre Fabiano ser um homem bruto e não conseguir se expressar. Essa falta de palavras de Fabiano é expressa pela economia narrativa. O silêncio e a dificuldade de expressão tornam-se linguagem literária.

3.3.2 A musicalidade do cordel de Josué Limeira

No cordel, vemos que o mesmo traço é preservado, mas transformado em versos rimados que reforçam a cadência popular. Nele, a dificuldade de Fabiano em falar não é narrada em prosa seca, mas em sextilhas rimadas, o que dá ritmo e sonoridade à cena. O que em Graciliano aparece como silêncio árido, em Limeira aparece como musicalidade repetitiva.

Com isso percebemos que no romance, a linguagem mergulha na interioridade dos personagens, revelando sua consciência fragmentada. Exemplo disso é o sonho de Sinhá Vitória com uma cama de couro:

> Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas. (RAMOS, 2001, p. 38).

A frase curta e a repetição da esperança revelam o caráter obsessivo do desejo, marcado pela secura da narrativa. No cordel, a mesma cena é transformada em versos que reforçam o tom de crônica popular:

> Pensou de novo na cama:
> Dormir era maldição.
> Acostumara-se a isso, A essa vil condição.
> Sonhava em ter seu tesouro:
> Cama com lastro de couro.
> Seria a perfeição.
> Fazia mais de um ano
> Que falou nisso ao marido.
> (LIMEIRA, 2024, p. 10).

O sonho de ter uma cama de couro aparece de forma mais poética e fluida. O que em Graciliano é introspectivo, em Limeira é coletivo, próximo da oralidade. Assim, a prosa seca de Graciliano e os versos rimados de Limeira cumprem a mesma função: resistir pela palavra.

Em Graciliano, a secura denuncia a dureza do sertão; em Limeira, a cadência garante a memória cultural pela oralidade. Como sintetiza Bosi (1994, p. 170): “A forma é também conteúdo: na secura de Graciliano e na musicalidade do cordel, pulsa a mesma denúncia social.”

Tanto o romance *Vidas Secas* quanto o cordel de Josué Limeira compartilham uma dimensão fundamental: a literatura como forma de resistência cultural. Ambas as obras denunciam a exclusão social e a miséria do sertanejo, mas também reafirmam sua dignidade e preservam sua memória.

No romance, a resistência se manifesta na persistência da família em sobreviver, mesmo em condições adversas. As cenas finais, em que Fabiano e a família seguem pelo sertão em busca de uma vida melhor, sintetiza esse movimento onde apesar do sofrimento e da falta de perspectivas, permanece o impulso de seguir adiante. A esperança é mínima, mas suficiente para impulsionar a sobrevivência. No cordel, essa mesma cena final aparece recriada em sextilhas rimadas, com um tom de esperança mais evidente:

> O sertão de um povo forte
> Para sempre vai mandar
> Gente como Fabiano,
> Os meninos e Sinhá.
> Mas, com certeza, Baleia
> Não irá: ainda rodeia
> Em busca de um preá.
> (LIMEIRA, 2024, p. 150).

Enquanto Graciliano aposta na dureza da prosa seca, Limeira insere a fé como elemento de esperança, aproximando a narrativa da religiosidade popular.

3.3.3 Projeto Pedagógico a partir da leitura de Vidas Secas em cordel

A obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, retrata a realidade difícil do sertanejo nordestino, evidenciando a luta pela sobrevivência e a relação entre a família e seu animal de estimação, a cadela Baleia. Ao trabalhar a versão em cordel da obra, é possível aproximar os alunos da narrativa de forma mais lúdica e acessível, além de relacioná-la com a causa animal, despertando empatia e consciência sobre o cuidado e o respeito aos animais.

Um trabalho que propõe unir literatura e defesa animal, promovendo a leitura, interpretação e dramatização da obra, culminando em uma apresentação teatral onde os alunos também criam um reconto da história, imaginando um final mais positivo em que a família encontra um novo lar e adota uma nova “Baleia”.

O projeto justifica-se pela importância de aproximar os alunos da literatura de forma criativa, tornando a leitura mais atrativa e significativa. Além disso, a proposta integra valores éticos, como o cuidado e a proteção dos animais, incentivando a formação de cidadãos conscientes e empáticos. A dramatização e a produção de reconto também estimulam habilidades de expressão oral, corporal e escrita, promovendo aprendizagem ativa e colaborativa.

Para realização da proposta pedagógica com Vidas Secas, de início deve acontecer a apresentação da obra original de Graciliano Ramos, e a exposição de fatos importantes do livro e dos aspectos que o autor aborda no livro e depois disso a leitura da obra Vidas Secas em Cordel de Josué Limeira, podendo acontecer uma leitura coletiva em sala de aula ou ao ar livre com os alunos das turmas de 9 anos, e junto a leitura e discussão e debate de aspectos importantes de cada um dos capítulos lidos. Junto a leitura do Cordel pode acontecer a exposição do filme “Vidas Secas” presente no streaming Netflix, analisando se o filme é condizente com a Obra original e com o cordel.

Diante da exposição e discussão das duas obras e do filme, os alunos podem criar uma forma de reconto da história, trazendo os personagens para os dias atuais, se adaptando aos poucos a realidade em que vivemos, enfatizando principalmente a cachorra Baleia que nas obras morre após ficar doente, mas que em um reconto uma nova “Baleia” pode ser adotada pela família, fazendo com que a causa animal e a adoção de uma cachorra com “alma humana” vire também um aspecto importante da obra, assim juntando literatura e causa animal.

Sendo assim entendemos que levar para a sala de aula a leitura de Vidas Secas em cordel e a dramatização proposta significa promover um ensino de literatura que vai além da estética, atingindo também dimensões sociais e éticas. Trata-se de um projeto que aproxima os estudantes da cultura popular, estimula a leitura e a produção textual, desenvolve a expressão artística e, sobretudo, desperta a empatia pelos animais.

Como lembra Freire (1996, p. 32), “a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Nesse sentido, ao trabalhar literatura e causa animal em conjunto, a escola contribui para a formação de cidadãos mais críticos, conscientes e sensíveis, capazes de transformar a sociedade em que vivem.

Nesse sentido, trabalhar literatura e causa animal simultaneamente representa mais do que uma estratégia de ensino: é uma forma de formação cidadã, que incentiva a reflexão crítica, a sensibilidade social e a consciência ética. A escola, nesse contexto, torna-se um espaço de construção de valores, em que os alunos podem desenvolver competências que vão além do

conteúdo acadêmico, aprendendo a se posicionar frente a problemas sociais, ambientais e culturais.

Por fim, ao integrar leitura, dramatização e discussão ética, o trabalho pedagógico fortalece a capacidade de empatia, criatividade e cooperação dos estudantes, conectando a literatura a experiências concretas e significativas. Essa abordagem evidencia que a educação literária pode ser simultaneamente prazerosa, transformadora e engajada, promovendo o desenvolvimento integral do aluno e incentivando-o a ser um agente ativo na transformação da sociedade em que vive.

CAPÍTULO 4: A ADAPTAÇÃO DE *VIDAS SECAS* PARA O CORDEL: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

A adaptação do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, para o gênero literário de cordel, intitulada *Vidas Secas em Cordel*, é uma iniciativa que visa aproximar os estudantes da realidade nordestina e das questões sociais e ambientais abordadas na obra original. Josué Limeira, escritor, poeta e cordelista pernambucano, é o responsável por essa adaptação, que mantém a essência da narrativa de Ramos, mas a apresenta em versos rimados e metrificados, característicos da literatura de cordel.

A literatura de cordel é uma manifestação cultural popular do Nordeste brasileiro, que utiliza a oralidade e a musicalidade para transmitir histórias, lendas e ensinamentos. Ao transpor *Vidas Secas* para esse formato, Limeira possibilita que a obra alcance um público mais amplo, incluindo aqueles que têm maior afinidade com a oralidade e a tradição popular. Além disso, a adaptação permite que os estudantes se conectem com a cultura nordestina de forma mais direta e envolvente.

A proposta pedagógica de trabalhar *Vidas Secas em Cordel* na sala de aula vai além da análise literária. Ela busca promover uma reflexão crítica sobre as condições de vida no sertão nordestino, abordando temas como a seca, a fome, a miséria e a luta pela sobrevivência. Ao explorar esses temas, os estudantes são incentivados a desenvolver empatia pelos personagens e a compreender as complexidades da realidade social brasileira.

Além disso, a dramatização da obra em sala de aula proporciona uma vivência mais profunda dos conteúdos abordados, permitindo que os estudantes expressem suas interpretações e sentimentos por meio da arte. Essa abordagem contribui para o desenvolvimento da expressão artística, da criatividade e da capacidade de trabalhar em grupo, habilidades essenciais para a formação integral do aluno.

Em consonância com a proposta pedagógica, a adaptação de Limeira também promove a ética ambiental ao sensibilizar os estudantes para as questões relacionadas ao meio ambiente e à convivência com a natureza. A história de Fabiano, Sinhá Vitória, seus filhos e a cadela Baleia, retrata a luta diária pela sobrevivência em um ambiente árido e hostil. Essa narrativa convida os estudantes a refletirem sobre a importância da preservação ambiental e o respeito aos seres vivos.

Como destaca o educador Paulo Freire, "a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo" (FREIRE, 1996, p. 32). Ao trabalhar *Vidas Secas*

em Cordel na sala de aula, os educadores têm a oportunidade de transformar a percepção dos estudantes sobre a realidade social e ambiental, estimulando-os a se tornarem cidadãos mais críticos, conscientes e sensíveis às questões que afetam a sociedade.

Em síntese, a adaptação de *Vidas Secas* para o cordel é uma estratégia pedagógica que enriquece o ensino de literatura, promovendo a integração entre cultura popular, reflexão social e ética ambiental. Ao explorar essa adaptação, os educadores contribuem para a formação de indivíduos mais empáticos, criativos e comprometidos com a transformação social e ambiental.

4.1 O cordel como ponte entre tradição e literatura canônica

A escolha de Josué Limeira em transpor o romance *Vidas Secas* para o cordel não é apenas uma adaptação estética, mas também um gesto cultural e político. O cordel, como lembra Luís da Câmara Cascudo (1984), sempre foi o "jornal do sertanejo, a crônica rimada de sua vida, de sua esperança e de sua miséria" (p. 219). Assim, ao recontar a história da família de Fabiano em sextilhas rimadas, Limeira torna acessível um texto literário considerado clássico, mas que, em sua forma original, muitas vezes é lido apenas em contextos acadêmicos ou escolares formais.

Essa transposição contribui para reduzir a distância entre literatura erudita e cultura popular, valorizando o saber tradicional nordestino e mostrando que o patrimônio literário brasileiro não pertence somente a um grupo social privilegiado, mas pode ser apropriado, recriado e transmitido em diferentes formas e linguagens.

4.2 A dimensão social e ética da adaptação

Vidas Secas em Cordel mantém os grandes temas do romance de Graciliano Ramos: a seca, a fome, a opressão social e a luta pela sobrevivência. Contudo, ao incorporar a cadência oral e a musicalidade do cordel, a denúncia social ganha novos espaços de circulação — feiras, praças, rodas de leitura — reforçando seu alcance comunitário. Como ressalta Márcia Abreu (1999 p. 43), o cordel "não apenas narra histórias: ele constitui identidades e cria memória coletiva".

Nesse sentido, o cordel de Limeira não é um simples resumo da obra original, mas uma recriação que reafirma a dignidade do sertanejo e preserva a crítica social de Graciliano. Ele atua como resistência cultural, denunciando injustiças, mas também celebrando a esperança e a solidariedade como formas de sobrevivência.

4.3 O cordel na sala de aula: práticas e possibilidades

A inserção de *Vidas Secas em Cordel* no espaço escolar oferece um campo fecundo de práticas pedagógicas. Além da leitura individual e coletiva, é possível promover atividades de dramatização, declamação em rodas, produção de novos cordéis inspirados na obra e até mesmo projetos interdisciplinares envolvendo música, artes visuais e história.

Segundo Cosson (2009), ao falar da leitura literária na escola, “o texto precisa ser experimentado, vivido e recriado” (p. 27). Assim, o cordel, por seu caráter oral e performático, possibilita que os estudantes experimentem a literatura de forma viva, integrando corpo, voz e imaginação. Esse processo favorece não só o desenvolvimento da competência leitora, mas também o fortalecimento da autoestima cultural dos alunos, especialmente daqueles que têm raízes nordestinas.

4.4 Educação, empatia e transformação social

Outro ponto essencial é que o cordel de Limeira dialoga com dimensões éticas e sociais, estimulando nos estudantes a empatia pelos personagens, em especial pela cadela Baleia, que se torna símbolo da lealdade e do sofrimento animal. Trabalhar esse aspecto em sala de aula significa, como lembra Paulo Freire (1996), entender que “educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (p. 32).

Assim, ao unir literatura e causa animal, arte e consciência social, o professor amplia as fronteiras do ensino, formando não apenas leitores, mas cidadãos críticos, sensíveis e comprometidos com a transformação da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir sobre as aproximações e diferenças entre o romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e a adaptação em cordel realizada por Josué Limeira. A análise mostrou que, mesmo partindo de suportes distintos — a prosa erudita e a poesia popular rimada —, ambas as obras compartilham a mesma preocupação: dar visibilidade à vida do sertanejo, marcada pela seca, pela fome e pela desigualdade social.

O romance de Graciliano Ramos impressiona pela dureza da linguagem e pela forma fragmentada com que apresenta os episódios da família de Fabiano. Essa escrita seca, direta e econômica não é apenas uma escolha estética, mas uma forma de espelhar a própria realidade do sertão. Ao reduzir Fabiano à condição de "bicho" e ao humanizar Baleia, a cachorra, Graciliano inverte papéis e expõe a brutalidade de uma sociedade que desumaniza seus próprios cidadãos.

No cordel de Josué Limeira, a mesma história ganha outro tom. A cadência das rimas, a musicalidade das sextilhas e a oralidade aproximam o enredo de uma dimensão coletiva. O sofrimento de Fabiano, o sonho de Sinhá Vitória e a morte de Baleia são preservados, mas narrados de maneira a alcançar novos leitores e ouvintes. Assim, o cordel não enfraquece o romance: ele o amplia, atualizando-o e garantindo que continue vivo no imaginário popular.

A presença de autores como Antonio Candido e Alfredo Bosi na fundamentação teórica foi essencial para compreender a dimensão social da literatura. Candido lembra que a literatura é um direito humano, porque humaniza; Bosi reforça que, em Graciliano, a secura do estilo é reflexo da secura da vida. Já Luís da Câmara Cascudo e Márcia Abreu nos ajudaram a entender o papel do cordel como crônica popular e como espaço de memória coletiva.

Desse modo, tanto o romance quanto o cordel cumprem funções complementares: o primeiro, ao denunciar com sobriedade a exclusão do sertanejo; o segundo, ao democratizar essa denúncia e inseri-la na tradição oral. Ambos nos lembram que a literatura não se limita ao entretenimento, mas é também denúncia, resistência e preservação cultural.

Conclui-se, portanto, que *Vidas Secas*, em suas duas versões, resiste ao tempo porque fala de uma realidade que, infelizmente, ainda encontra ecos no Brasil atual. Ler e recontar essa obra — seja em prosa seca, seja em verso rimado — é manter viva a voz do sertanejo e afirmar sua dignidade diante da adversidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Adaptações literárias e folhetos**: uma análise da transposição de prosa para verso. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 1997.

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 1999.

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. Folhetos (a literatura de cordel no Nordeste brasileiro) **Dissertação** (Mestrado em Antropologia) PPG do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

ALVES, Roberta Monteiro. **Literatura de Cordel**: Por Que e Para Que Trabalhar em Sala de Aula. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, ano 2, v. 4, p. 103-109, jul./dez. 2003.

AYALA, Maria Ignez Novais. **Do manuscrito ao folheto de cordel**: uma literatura escrita para ser oralizada. **Leia Escola**, Campina Grande, v. 16, n. 2, p. 12-46, 2016.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

FERRETTI, Sérgio F. **Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural**: uma análise dos folhetos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004.

FREIRE, Paulo**. Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Metamorfoses do sertão. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n.52, p.375-394, 2004. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300024.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria e ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KRISTEVA, Julia. (1969). **Introdução à semánalise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 2ª ed. revista e aumentada. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LIMEIRA, Josué. **Vidas Secas em Cordel**: nascida da obra de Graciliano Ramos. Ilustrações de Vladimir Barros. 1ª ed – Belo Horizonte, MG: YellowFante, 2024.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1938.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 82 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 169 ed. Rio de Janeiro: Record, 2025.

STAM, Robert. **A literatura através do cinema**: realismo, magia e a arte da adaptação. Tradução Gláucia Renate Gonçalves; Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.